



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Geociências
Instituto de Artes
Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo

LUÍS ANTÔNIO DE OLIVEIRA BOTARO

Podcast “O mundo em 10 anos”
Episódio 1: Trabalho, juventudes e oportunidades

CAMPINAS
2022

LUÍS ANTÔNIO DE OLIVEIRA BOTARO

Podcast “O mundo em 10 anos”

Episódio 1: Trabalho, juventudes e oportunidades

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Geociências,
Instituto de Artes e Laboratório de
Estudos Avançados em Jornalismo da
Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Sabine Righetti

Este exemplar corresponde à versão final
do Trabalho de Conclusão de Curso defendido
pelo aluno Luís Antônio de Oliveira Botaro e
orientado pela Profa. Dra. Sabine Righetti.

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Marta dos Santos - CRB 8/5892

B657p Botaro, Luís Antônio de Oliveira, 1990-
Podcast "O mundo em 10 anos" Episódio 1 : trabalho, juventudes e oportunidades / Luís Antônio de Oliveira Botaro. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Sabine Righetti.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Podcasts. 2. Jornalismo científico. 3. Juventude – Emprego. 4. Mercado de trabalho. 5. Uberização. 6. Plataformização. I. Righetti, Sabine, 1981-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Podcast "O mundo em 10 anos": Episode 1: Work, youth and opportunities

Palavras-chave em inglês:

Podcasts

Science journalism

Youth - Employment

Labor market

Uberization

Platformisation

Área de concentração: Jornalismo Científico

Titulação: Especialista

Banca examinadora:

Simone Pallone de Figueiredo

Daniela Tonelli Manica

Sarah Azoubel Lima

Data de entrega do trabalho definitivo: 12-12-2022

Dedico este trabalho à minha mãe,
Devinha, Déja, Djanira,
que sempre esteve e estará comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família — minha mãe, Devinha; meu pai, Sérgio; minha irmã e cunhado, Bel e Renato; e minha sobrinha, Olivia — pelo suporte durante a realização do curso de pós-graduação. Fico feliz de também me lembrar dos meus amigos que estiveram comigo nos momentos difíceis deste ano — Lucas, Lucas e Lucas, Izadora e Isadora, Karol e Carol, Mari e Mari, Thaci, Marília, Rodrigo, Fernanda, Rafa, Isa e Marquinhos, tantos nomes repetidos para mostrar que o amor multiplica — e dos meus familiares que estiveram tão presentes nos últimos meses. Agradeço ao Labjor e aos professores da pós-graduação lato sensu em Jornalismo Científico — em especial às professoras Sabine Righetti e Simone Pallone, que me ajudaram na produção do Trabalho de Conclusão de Curso — pela oportunidade de participar da turma de 2021, já que não pude continuar a seleção da turma de 2019 devido ao meu trabalho, mas mantive o desejo de entrar para o curso até a próxima seleção. Por fim, agradeço aos colegas de turma — Bianca Bosso, Bárbara Paro e Bárbara Fernandes, Mariana Meira Ragonesi, Renan Augusto Trindade, Greta Garcia, Flávio Gomes-Silva, Fernanda Ricci, Fabíola Junqueira, Ludimila Honorato Frutuoso, Letícia Naísa Acerbi da Silva e Leonardo Magalhães — com quem aprendi bastante nesse percurso e pude conhecer melhor com o retorno das aulas presenciais.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta o processo de criação do podcast “O mundo em 10 anos”, uma produção de jornalismo científico que pretende abordar temas e fenômenos de interesse social a partir de dados de pesquisas científicas e da análise de pesquisadores e cientistas. Como resultado, foi produzido o episódio número 1 do podcast, intitulado “Trabalho, juventudes e oportunidades”, que traz dados sobre o mercado de trabalho brasileiro — especialmente em relação aos jovens, que são os mais afetados pela informalidade no trabalho — e discute com os especialistas transformações atuais como os trabalhos mediados por plataformas de serviços, a chamada plataformização ou uberização. O podcast foi pensado para públicos variados: jovens e jovens adultos que estão pesquisando sobre os temas abordados no podcast para realizar trabalhos escolares ou universitários; professores que procuram podcasts que tratam sobre os seus temas de interesse; assim como os ouvintes habituais do podcast Oxigênio, ligado ao Labjor, onde o primeiro episódio de “O mundo em 10 anos” será publicado.

Palavras-chave: *podcasts, jornalismo científico, juventude – emprego, mercado de trabalho, uberização, plataformização*

ABSTRACT

This project presents the process of creating the pilot of a scientific journalism podcast entitled “The world in 10 years” — in portuguese, “O mundo em 10 anos” — a digital production which the intention is to discuss topics and phenomena of social interest based on research data and the analysis of researchers and scientists within multiple fields. As a result, the title of the episode number 1 is “Work, youth and opportunities”, which brings data about the Brazilian labor market — especially in relation to young Brazilians, who are more affected by labor informality — and specialists analyzing current transformations, such as jobs mediated by digital work platforms and uberization. The podcast was designed for a variety of audiences: young people and young adults who are interested in the topics covered in the podcast to carry out school or university work; teachers looking for a podcast discussing topics of their interest; as well as regular listeners of podcast Oxigênio, published by Labjor, in which the first episode of “O mundo em 10 anos” will be published.

Keywords: *podcasts, science journalism, youth – employment, labor market, uberization, platformisation*

SUMÁRIO

Introdução e justificativa	9
Podcast “O mundo em 10 anos”	9
Tema do primeiro episódio: trabalho, juventudes e oportunidades	9
Público-alvo	12
Objetivos	12
Objetivo geral	12
Objetivo específico	13
Metodologia	13
Por que podcast?	13
Linguagem, formato e publicação	14
Classificação do podcast como uma produção de jornalismo científico	15
Desenvolvimento	17
Pesquisa inicial e pauta	17
Entrevistas	17
Transcrição, decupagem e roteirização	18
Gravação da locução e edição do podcast	19
Resultados	19
Episódio 1 - O mundo em 10 anos: trabalho, juventudes e oportunidades - 1ª versão e versão final	19
Publicação no podcast Oxigênio	19
Identidade visual	20
Conclusão	21
Referências	22
Apêndices	26
Apêndice 1 - Roteiro do podcast “O mundo em 10 anos”. Episódio 1: trabalho, juventudes e oportunidades	26

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

PODCAST “O MUNDO EM 10 ANOS”

O podcast tem a proposta de debater assuntos que terão impacto no futuro da sociedade, especialmente os temas que podem afetar a realidade brasileira ou mundial. A escolha deste nome ocorreu pela tentativa de traduzir em palavras a expectativa que jovens e jovens adultos têm pelo futuro, já que essa fase da vida é marcada pelos preparativos para *o por vir*.

A ideia para esse podcast surgiu no contexto da pós-graduação lato sensu em Jornalismo Científico do Labjor, momento em que sempre tive interesse em entender como a ciência pode se tornar interessante para o público de jovens e jovens adultos. Desse modo, o podcast propõe apresentar os temas colocados em pauta a partir de dados que serão interpretados e comentados por pesquisadores em variadas áreas. Por fim, após as análises do cenário atual sobre os temas discutidos, os pesquisadores também serão convidados a imaginar como esse cenário pode evoluir no futuro, mostrando por que esses temas precisam ser conhecidos e debatidos.

TEMA DO PRIMEIRO EPISÓDIO: TRABALHO, JUVENTUDES E OPORTUNIDADES

O período do fim da adolescência é decisivo para a preparação dos jovens para a vida adulta, momento que é marcado pelo ingresso no mercado de trabalho e pela busca de especialização em cursos profissionalizantes ou no ensino superior. Mas dados de pesquisas recentes, que trago a seguir, mostram que os jovens brasileiros passam por diversas dificuldades nessa etapa da vida, especialmente aqueles de classes sociais com menores rendas. Por conta disso, este trabalho propõe criar uma produção de jornalismo científico que traga dados sobre a juventude e o trabalho no Brasil para interpretá-los com a ajuda de pesquisadores das áreas de Economia e Ciências Sociais.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020), a inserção de jovens no mercado de trabalho é caracterizada por constantes entradas e saídas. Além disso, para a maioria dos jovens (53%) entre 2012 e 2018, a entrada no mercado de trabalho ocorreu por meio de empregos informais, que oferecem baixos salários e pouca ou nenhuma cobertura de seguridade social. A pesquisa do IPEA também indica que houve piora em indicadores principalmente após 2015, ano em que a economia brasileira entrou em desaceleração. O percentual de jovens que procuravam emprego há mais de um ano, por exemplo, aumentou de

29,9% para 38,8% entre 2013 e 2019. Já os jovens classificados como “nem-nem” por não estudarem e não estarem ocupados no mercado de trabalho aumentaram de 22,4% para 25,7% entre 2012 e 2019.

A renda dos jovens também piorou nos últimos anos. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) disponíveis em relatório do Atlas das Juventudes do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social) mostram que os jovens entre 15 e 29 anos foram o estrato social que mais perdeu renda proveniente do trabalho entre 2014 e 2019. Nesse período, a redução de renda desse grupo foi de 14,66%, mas dados de recortes específicos desse grupo, como a metade mais pobre dos jovens, mostram que a redução chegou a 24,24% (ATLAS DAS JUVENTUDES, 2021; NERI, 2019). O Atlas das Juventudes também revela dados importantes sobre a situação escolar: em 2019, 20,2% dos jovens não tinham completado alguma etapa da educação básica, além disso, entre os jovens brancos a taxa de conclusão do ensino médio era de 76,8% em 2020, enquanto entre os jovens pretos ou pardos era de 61,78%.

Esse conjunto de características da juventude, como a dificuldade na conclusão do ensino médio e na inserção no mercado de trabalho formal, assim como a redução de renda e a desaceleração na economia, também interage com outras transformações econômicas e do mundo do trabalho. A chamada Quarta Revolução Industrial, por exemplo, que envolve a digitalização de diversos setores e promove mudanças como a plataformização do trabalho, afeta de maneira específica esse grupo, principalmente os jovens com baixa qualificação (LAPA, 2021; ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, 2021).

Por conta disso, discutir a relação da digitalização e da plataformização com a realidade desse grupo é uma forma de promover a conscientização do público sobre a qualidade dos empregos criados por esses fenômenos e como eles afetam a rotina e a carreira dos trabalhadores. Essa discussão também permite compreender o preparo que o Estado brasileiro dá aos jovens em relação ao futuro, já que instituições como o Fórum Econômico Mundial projetam que a Quarta Revolução Industrial — também chamada de Indústria 4.0 — deve substituir mais de 85 milhões de postos de trabalho humanos pelo trabalho automatizado por máquinas e algoritmos até 2025, ao mesmo tempo que deverá criar novas formas e relações de trabalho que exigem diferentes habilidades e conhecimentos (WORLD ECONOMIC FORUM, 2020).

Sobre as transformações implementadas pela Indústria 4.0, Antunes (Org.) (2020) destaca na coletânea de artigos “Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0” que a digitalização deve afetar tanto trabalhadores com alto grau de qualificação quanto os menos

qualificados, mas de maneiras diferentes. Os trabalhadores menos qualificados tendem a conseguir ocupações informais, sem cobertura de seguridade social e em jornadas intermitentes ou sob demanda, que muitas vezes exigem muitas horas de trabalho para conseguir rendas insuficientes para sua subsistência.

Mesmo já sendo uma característica do mercado de trabalho brasileiro, Baltar e Manzano (2020) explicam que a expansão da informalidade preocupa porque estende para mais trabalhadores condições de trabalho com menos seguridade social e salários mais baixos em relação ao trabalho formal. Os autores explicam que, assim como em outros mercados latino-americanos, a baixa diversificação e integração da economia desses países tem como efeito a geração de um excedente de trabalhadores que ficam excluídos do mercado de trabalho formal.

Manzano e Krein (2020), por sua vez, explicam no artigo “A pandemia e o trabalho de motoristas e de entregadores por aplicativos no Brasil” que, embora esse seja um traço da economia brasileira, havia uma tendência de crescimento do emprego formal entre 2003 e 2014, mas que foi revertida a partir da crise iniciada em 2015. Desse modo, a reação do Estado brasileiro à crise se deu na forma de medidas como a adoção do teto de gastos e a reforma trabalhista de 2017, que afetaram a capacidade estatal de promover políticas públicas de distribuição de renda. Por conta disso, parte do excedente de trabalhadores informais, que voltou a crescer a partir desse período, encontrou como forma de se manter ativa a ocupação por meio de plataformas digitais de trabalho. Os autores também trazem dados sobre essa absorção de trabalhadores pelas plataformas digitais com base em dados da PNAD: o percentual de trabalhadores que conduzem motocicletas, por exemplo, cresceu 39,2% entre 2016 e 2020; já o percentual de trabalhadores que conduzem automóveis ou táxis cresceu 41,9% no mesmo período.

Algumas características dos trabalhadores que se ocupam por meio das plataformas digitais são descritas por Lapa (2021) no artigo “O Trabalho em plataformas digitais e a pandemia de Covid-19: análise dos dados da PNAD Covid-19/IBGE”. O documento, publicado em relatório do IPEA, revela que a maioria dos entregadores (94,94%) e motoristas (95,15%) são homens, e seguem uma proporção de 60% profissionais pretos ou pardos para 40% de profissionais brancos. As faixas etárias mais representativas, entretanto, são diferentes entre os grupos: no caso dos entregadores, 37,99% se concentram na faixa de 20 e 29 anos, enquanto 27,9% dos motoristas têm entre 30 e 39 anos. Em relação à escolarização, os profissionais que têm apenas o ensino médio completo representam 48,06% dos entregadores e 45,93% dos motoristas. Por fim, a pesquisa também traz dados sobre a

jornada de trabalho desses profissionais e seu ganho médio: em novembro de 2020, os motoboys trabalhavam em média 40 horas por semana para garantir uma renda média mensal de R\$ 1500; já os motoristas trabalhavam em média 44 horas semanais para garantir uma renda média mensal de R\$ 1780.

Todos esses dados serviram como ponto de partida para a construção do primeiro episódio do podcast “O mundo em 10 anos”, que recebeu o título “Trabalhos, juventudes e oportunidades”.

PÚBLICO-ALVO

A definição do público-alvo do podcast foi baseada em dados demográficos e algumas possibilidades de interesses que podem fazer o conteúdo chegar a diferentes ouvintes:

- jovens brasileiros de 15 a 29 anos, ambos os sexos, estudantes do ensino médio ou de graduação, ou ainda jovens fora do mercado de trabalho e do estudo, que tenham tido contato com algum tópico discutido no podcast — seja por ouvir ou ler sobre isso na imprensa ou motivados por pesquisas acadêmicas em disciplinas que discutem esses tópicos;
- jovens adultos e adultos de 20 a 35 anos, ambos os sexos, estudantes dos cursos de Ciências Sociais, História, Pedagogia e Economia ou jovens professores ligados a essas disciplinas, ouvintes assíduos de podcasts que procuram por conteúdos de seu interesse em plataformas de *streaming*;
- ouvintes do podcast Oxigênio, publicado pelo Labjor, que têm o hábito de acompanhar os programas publicados nas plataformas de *streaming* do podcast.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Produzir e apresentar um trabalho de jornalismo científico em formato de podcast por meio da apuração de informações e dados científicos, da seleção de recortes temáticos e da realização de entrevistas com pesquisadores que estudam os temas escolhidos. Com isso, é esperado que o podcast apresente dados e análises especializadas sobre os temas propostos de forma lógica, clara e interessante para que o ouvinte seja informado sobre temas de interesse e relevância social.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Reunir dados sobre o cenário socioeconômico atual para jovens de 18-24 anos e, por meio de entrevistas com pesquisadores das áreas de Economia e Ciências Sociais, relacionar esses dados com recentes transformações trabalhistas e econômicas (flexibilização e digitalização, por exemplo) que devem continuar mudando as formas de trabalho e as relações trabalhistas no futuro próximo.

METODOLOGIA

POR QUE PODCAST?

Em minhas pesquisas, selecionei alguns dados que justificam a escolha pelo formato de podcast, tais como o aumento do interesse por esse tipo de mídia, a concentração dos ouvintes entre o público jovem ou de jovens adultos em processo de formação ou de amadurecimento no mercado de trabalho, e inclusive a familiaridade que esse público tem com as plataformas de *streaming* de podcasts. Explico essas motivações a seguir.

A escolha do podcast como formato se deve ao aumento do público que ouve esse tipo de mídia no Brasil nos últimos anos, especialmente após o começo da pandemia da covid-19. O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br, 2022) realizou uma pesquisa sobre o consumo de tecnologias da informação nos domicílios brasileiros que mostrou que o número de ouvintes de podcasts subiu de 19 milhões em 2019 para 41 milhões em 2021, um aumento de 13% para 28% do total de usuários da internet em apenas dois anos.

Uma pesquisa da Associação Brasileira de Podcasters (AbPod, 2020) também traz dados relevantes sobre os ouvintes de podcasts no Brasil. A maioria desses ouvintes se concentra na faixa etária de 20 a 34 anos — ou seja, é formada pelo público de jovens adultos ou adultos que ainda terão um longo percurso no mercado de trabalho. Em relação ao gênero, 72% dos ouvintes são homens — indicando dificuldade de atingir um público maior formado por mulheres. Por outro lado, há pelo menos uma tendência de aumento da proporção do público de mulheres, que passou de 12% em 2014 para 16% em 2018 e, por fim, para 27% em 2019. Essa tendência é reforçada pelo dado que mostra que 50% das ouvintes declararam que ouvem podcast há menos de 2 anos.

A pesquisa da AbPod (2020) traz outros dados que ajudam a entender melhor os ouvintes de podcast no Brasil: quanto à escolaridade, 31% dos ouvintes têm ensino superior completo, e 30% ensino superior incompleto — um indicativo de que temas como a

preparação para o mercado e suas transformações são relevantes para esse público. Já o consumo dos podcasts acontece em maioria pelo Spotify (44%), enquanto todas as outras plataformas são utilizadas por menos de 10% dos ouvintes. Por fim, os temas de interesse são variados, sendo os principais Cultura Pop (64,9%), Humor e Comédia (53,1%), Ciência (52,3%), História (47,6%), Política (42,9%), entre outros (AbPod, 2020; AbPod, 2014).

LINGUAGEM, FORMATO E PUBLICAÇÃO

Valiati e Bamberg (2021), em artigo sobre podcasts brasileiros de jornalismo como o Café da Manhã (Folha de São Paulo), Resumão diário (G1) e Estadão Notícias (O Estado de São Paulo), analisaram o conteúdo dessas produções tendo como referência a definição de gêneros jornalísticos de Melo e Assis (2016). As pesquisadoras classificam esses conteúdos em três eixos — conteúdo, estrutura e gênero — e concluem que esses formatos de podcasts jornalísticos, apesar de apresentarem particularidades entre si, também têm semelhanças. Em relação ao gênero, são classificados como informativos e opinativos; já os conteúdos são preparados com base em entrevistas e no uso de linguagem informal para se comunicar, além de incluírem recursos sonoros como trilhas, efeitos, áudios de televisão, sonoras e vinhetas. Por fim, em relação à estrutura, os podcasts duram entre 10 e 30 minutos em média, incluem um ou dois apresentadores e são hospedados em plataformas compatíveis com dispositivos móveis, como Spotify, Apple Podcast, Deezer e Google Podcasts.

A partir dessa análise, foram definidos alguns parâmetros para a construção dos episódios de “O mundo em 10 anos”: a abordagem de dados deve ter um caráter informativo e interpretativo, ou seja, além de apresentá-los, é necessário trazer a contextualização desses dados por meio de pesquisas e da análise dos especialistas entrevistados, que serão importantes para a construção de todos os episódios e para garantir o caráter científico da abordagem dos temas.

Luiz Beltrão (1992) fala sobre isso em “Iniciação à filosofia do jornalismo” ao destacar o caráter interpretativo do jornalismo a não apenas relatar os fatos, mas trazer informações que permitam ao público interpretar os dados e o conteúdo noticiado:

Se o jornalismo abrange o que ocorreu e o que poderá ocorrer, o que se pensou e o que se poderá pensar, nem sempre constitui um relato puro e simples, mas se reveste, igualmente, do aspecto de uma exposição interpretada. A mera informação, sem um juízo que a valorize e a interprete, faria do jornalismo uma algaravia sem ordem nem conserto e deixaria ao leitor a pesada carga de buscar os "porquês" e "para quês" do que acontece (BELTRÃO, 1992, p. 79).

Sobre a linguagem escolhida para o podcast, optei pela escrita de roteiros cujo texto têm traços de oralidade e é pensado para audição do conteúdo — ou seja, uma escrita que tem como referência a fala e suas especificidades, e não as características do texto feito para ser lido. Sobre isso, Chagas, Figueira e Mazzonetto (2010, p.18-19) destacam no seu guia para montar um programa de rádio sobre ciências que “o texto de rádio tem que ser escrito como se fala. Deve ser simples e curto”, além de incluir o uso de “palavras conhecidas e que não precisem de dicionários para serem entendidas”. As pesquisadoras ponderam, entretanto, que nos programas sobre ciência o uso de palavras específicas é necessário para explicar termos e contextos relacionados ao tema proposto, por isso é necessário fazer a contextualização desses termos inseridos.

Por fim, ainda baseado no trabalho de Valiati e Bamberg (2021), destaco que os programas devem contar sempre com recursos de áudio que permitam dinamizar a escuta dos programas — que podem chegar a 50 minutos — como transições, trilhas e a inserção de trechos de reportagens de veículos de comunicação. Além disso, a publicação dos episódios poderá ser feita em plataformas como o Soundcloud e o Spotify, devido à afinidade do público com essas plataformas de *streaming*, conforme revela a AbPod (2020), e no contexto da pós-graduação em Jornalismo Científico do Labjor/Unicamp serão publicados no podcast Oxigênio, vinculado ao Labjor.

CLASSIFICAÇÃO DO PODCAST COMO UMA PRODUÇÃO DE JORNALISMO CIENTÍFICO

As análises de Valiati e Bamberg (2021) servem como bom referencial dos principais elementos de conteúdo e estrutura que compõem os podcasts jornalísticos brasileiros. Para a produção do podcast “O mundo em 10 anos”, entretanto, também consulte o protocolo elaborado por Ramalho, Massarani (Org.) et al (2012) para a análise de conteúdo de reportagens de ciência na imprensa brasileira e latino-americana. O protocolo define que uma matéria jornalística de ciência deve atender ao menos a um dos pré-requisitos descritos abaixo:

Mencionar cientistas, pesquisadores, professores universitários ou especialistas em geral (desde que aparecessem vinculados a uma instituição científica e comentassem temas relacionados à ciência) ou mencionar instituições de pesquisa e universidades; mencionar dados científicos ou resultados de investigações; mencionar política científica; ou tratar de divulgação científica (RAMALHO; MASSARANI (Org.) et al, 2012, p. 12).

Portanto, com base nesse protocolo e na proposta geral do podcast “O mundo em 10 anos”, estabeleci os seguintes parâmetros para a produção de episódios do podcast:

- devem contar com a presença de pelo menos um pesquisador que tenha vínculo com instituições de pesquisa e preferencialmente entre dois e três pesquisadores. Além disso, as instituições vinculadas a esses pesquisadores precisam ser mencionadas nos programas;
- os temas abordados precisam ser objetos de estudo de pelos menos alguma área das ciências, sejam elas Exatas, Biológicas ou Humanas;
- é necessário explicar qual é a ligação dos pesquisadores com os temas abordados de acordo com suas pesquisas já realizadas ou sua atuação em instituições de pesquisa;
- é necessário mencionar resultados de pesquisas, sejam elas realizadas por projetos organizados por vários pesquisadores, pesquisas individuais — mestrado e doutorado, por exemplo — ou resultados obtidos por instituições de pesquisas, a exemplo dos dados de pesquisas do IPEA e da PNAD trazidos no primeiro episódio do podcast.

Além desses critérios, é importante destacar a definição de Wilson da Costa Bueno (1985, p. 1421) para a divulgação científica, que consiste na “utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral”, de modo que a utilização do protocolo de Ramalho, Massarani (Org.) et al (2012) e dos parâmetros estabelecidos para os programas contribuem para a sistematização de técnicas e processos adequados para cumprir com os objetivos do podcast.

Bueno (1985, p. 1426) destaca ainda que o jornalismo científico, especificamente, tem diversas funções, dentre elas as funções educativa, social e política, e complementa dizendo que “a função cultural do jornalismo científico extrapola os limites da mera transmissão de fatos e resultados da ciência para contemplar uma visão crítica de sua difusão por diferentes ambientes culturais”, definição que ajuda a compreender a proposta do podcast de não só trazer dados de pesquisas, mas também trazer análises que permitam entender os fenômenos e os dados apresentados. Isso deve contribuir para não só informar, mas também formar e educar os ouvintes a respeito dos temas sugeridos.

É importante destacar ainda a pluralidade de temas que podem ser abordados no podcast, especialmente temas relacionados às Ciências Humanas, a exemplo do primeiro episódio do podcast que trata sobre “Trabalho, juventudes e oportunidades”. Bueno (1985, p. 1423) argumenta que o jornalismo científico deve incorporar as Ciências Humanas,

destacando que esse tipo de jornalismo “não exclui áreas ou níveis de informação e, portanto, abriga amplo material divulgado pelos meios de comunicação de massa”.

DESENVOLVIMENTO

PESQUISA INICIAL E PAUTA

O desenvolvimento do podcast começou com uma pesquisa inicial sobre o cenário de trabalho e desemprego para jovens brasileiros e sobre a plataformização do trabalho no cenário da Indústria 4.0. Nesse processo, comecei a selecionar pesquisas e publicações que me ajudariam na construção do programa. Em paralelo, fiz o registro de possíveis nomes de entrevistados com base nos autores das pesquisas e artigos que acessei.

Após a pesquisa inicial, elaborei uma pauta que resumia os principais temas e dados que eram de meu interesse abordar. Nessa pauta, também elaborei uma estrutura de roteiro prévia que incluiu os seguintes elementos:

- apresentação do podcast “O mundo em 10 anos”;
- apresentação do tema e de três personagens fictícios que ajudariam a ilustrar jovens brasileiros em busca por emprego;
- primeiro bloco de entrevistas, abordando dados sobre emprego e juventude;
- segundo bloco de entrevistas, abordando digitalização do trabalho e plataformização;
- encerramento.

ENTREVISTAS

Após a fase inicial, iniciei os contatos via e-mail com possíveis fontes para o podcast, chegando aos três entrevistados do primeiro episódio do podcast:

- Denise Guichard Freire, doutora em Economia da Indústria e da Tecnologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que estudou os jovens classificados como “nem-nem” em sua tese de doutorado e também atua como economista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE);
- Marcelo Prado Ferrari Manzano, doutor em Desenvolvimento Econômico e mestre em Economia Social e do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), além de atuar como coordenador de pós-graduação na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais e desenvolver pesquisas sobre redução da desigualdade social no Brasil;

- Julice Salvagni, doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com tese sobre o trabalho e a identidade de caminhoneiras, e mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com dissertação sobre trabalhadores do setor elétrico. Também é professora no Departamento de Ciências Administrativas da UFRGS e integrante do Fair Work Brasil, projeto vinculado à Universidade de Oxford que pesquisa o trabalho plataformizado em diversos países.

As entrevistas foram agendadas em três datas distintas ao longo do mês de novembro de 2022 e foram realizadas e gravadas utilizando a ferramenta Google Meets. Para essa etapa, elaborei roteiros de entrevistas baseados em dados de minha apuração prévia e nas áreas de pesquisa dos entrevistados. Além disso, organizei as perguntas de modo que cada entrevistado pudesse contribuir, com base em suas experiências, para trechos diferentes da pauta do episódio. Em média, as entrevistas duraram entre 35 e 45 minutos.

TRANSCRIÇÃO, DECUPAGEM E ROTEIRIZAÇÃO

Após as entrevistas, utilizei a ferramenta Google Pinpoint para transcrever os áudios captados e iniciar a decupagem do conteúdo. Em seguida, já com o texto transcrito, fiz uma seleção prévia dos trechos que seriam utilizados e iniciei a escrita do roteiro do podcast a ser gravado. O roteiro não teve alterações grandes em relação à pauta inicial, sendo as principais delas a redução de três para dois personagens fictícios — que foram descritos no programa para ilustrar jovens brasileiros à procura de emprego — e uma nova divisão do programa que passou de dois para três blocos, de modo que cada um contemple uma das entrevistas.

No processo de escrita do roteiro, selecionei os trechos que seriam utilizados nas entrevistas e inseri minhas falas para momentos distintos do programa, como a introdução do programa, dados de contextualização e perguntas realizadas aos entrevistados. Além disso, pesquisei por reportagens da imprensa que servissem para a contextualização dos temas abordados e para dinamizar a audição do podcast, de modo que acabei selecionando trechos em áudio dos veículos TV Brasil/Repórter Brasil (2020), JORNAL DA EPTV (2022), Rede Globo e G1 (ALVARENGA, Darlan; CAVALLINI, Marta 2019), Jornal da Record/R7 (2021), TJ Aparecida (2019) e CNN Brasil (2020).

GRAVAÇÃO DA LOCUÇÃO E EDIÇÃO DO PODCAST

As últimas etapas do processo foram a gravação da minha locução e a edição do programa. Para gravar minhas falas, utilizei um microfone próprio para podcasts e *streamings* (Trust Gamer Gxt 232 Mantis Streaming) e o aplicativo Audacity. Em seguida, fiz o tratamento do meu áudio e dos áudios das entrevistas utilizando o aplicativo Adobe Audition.

A edição do podcast, por fim, foi realizada no aplicativo Audacity. Durante esse processo, incluí trilhas e transições previstas em roteiro que foram baixadas dos sites Audionautix.com (gratuitas e licenciadas como Creative Commons por Jason Shaw em Audionautix.com) e do Soundstripe.com, adquiridas por meio de uma assinatura mensal.

RESULTADOS

EPISÓDIO 1 - O MUNDO EM 10 ANOS: TRABALHO, JUVENTUDES E OPORTUNIDADES - 1ª VERSÃO E VERSÃO FINAL

O episódio 1 do podcast, intitulado “O mundo em 10 anos: trabalho, juventudes e oportunidades”, foi finalizado em sua primeira versão no dia 28/11/2022 com duração de 45 minutos. Ele foi publicado no site Soundcloud.com, e está disponível para audição no link: <https://soundcloud.com/luis-botaro/edicao-1-o-mundo-em-10-anos-trabalho-juventudes-e-opportunidades>.

A versão final do podcast foi concluída no mês de janeiro de 2023 após os comentários da banca avaliadora do TCC e pode ser acessada por meio do link: <https://linktr.ee/podcastomundoem10anos>.

PUBLICAÇÃO NO PODCAST OXIGÊNIO

A publicação da versão final do episódio 1 “O mundo em 10 anos: trabalho, juventudes e oportunidades” será feita no podcast Oxigênio, do Labjor. Além do programa, será publicado o roteiro do episódio e um texto de descrição, disponível a seguir:

“Conheça o podcast ‘O mundo em 10 anos’, para quem é curioso pelo futuro e quer saber o que pesquisadores e cientistas têm a dizer sobre as transformações que vão afetar a nossa vida. Produzido e apresentado por Luís Botaro, este primeiro episódio é sobre trabalho, juventudes e oportunidades e traz a economista Denise Guichard Freire, o economista Marcelo Manzano e a socióloga Julice Salvagni para falar sobre o mercado de trabalho para os jovens e temas como digitalização e plataformização do trabalho, empregos

informais, Indústria 4.0 e Quarta Revolução Industrial, além de analisar como governos e empresas podem preparar os jovens para esse futuro.

Esse episódio usou trilhas pagas de Soundstripe.com e trilhas sob licença Creative Commons - Music by Jason Shaw on Audionautix.com”.

IDENTIDADE VISUAL

Para a publicação do podcast e a apresentação à banca do TCC, foram desenvolvidos o logotipo e a identidade visual do podcast tendo como referência algumas obras modernistas brasileiras. Para isso, contei com a ajuda do publicitário e designer Édipo Augusto Ferreira Barreto. Essa identidade visual poderá ser adaptada em capas e ícones dos episódios nas plataformas de *streaming*.



Figura 1. Identidade visual do podcast “O mundo em 10 anos”. Autor: Édipo Augusto Ferreira Barreto



Figura 2. Aplicações do logotipo do podcast “O mundo em 10 anos”

CONCLUSÃO

A produção deste trabalho foi bastante desafiadora, mas também prazerosa. Minhas maiores dificuldades ocorreram durante a apuração de informações e a decisão dos recortes temáticos que faria dentro de um tema tão vasto quanto o mundo do trabalho. Por conta disso, esses foram os processos que mais demorei para concluir, já que passei quase todo o ano de 2022 procurando por referências que me ajudassem a compreender melhor meu tema e os caminhos que deveria seguir — isso comprometeu também o tempo que tive disponível para a realização das etapas seguintes, que foram realizadas todas no mês de novembro de 2022.

A preparação para as entrevistas com os especialistas também exigiu preparo sobre os temas, além da capacidade de condução da conversa para que o material coletado de fato contribuísse para os objetivos e o formato do podcast. De modo geral, o resultado dessa etapa foi positivo, pois consegui extrair dessas entrevistas comentários e análises importantes para o tema do primeiro episódio.

A escrita do roteiro, por sua vez, foi executada de forma rápida por eu já possuir familiaridade profissional com a linguagem adequada para produtos de áudio ou audiovisuais. O maior desafio, nessa etapa, foi selecionar com mais exatidão os trechos das entrevistas que seriam utilizados no primeiro corte do podcast.

A gravação da minha locução também foi uma etapa bastante desafiadora, já que tive poucas experiências gravando minha própria fala — todas elas recentes, já na pós-graduação do Labjor. Por conta disso, gravei três vezes minhas falas, até que o resultado final ficasse satisfatório. Por fim, a edição do programa também foi realizada de maneira rápida, em dois dias e meio, sendo que a maior dificuldade nesse momento foi a seleção de trilhas e transições, já que nem todos os áudios testados combinavam com o tom do podcast.

De modo geral, fiquei satisfeito com o resultado final, pois consegui produzir um programa que traz dados e entrevistas que se conectam e formam um produto de jornalismo científico informativo e interpretativo. O trabalho também me agrada em relação aos recursos técnicos de áudio, que considero adequados e harmoniosos, embora alguns ajustes finos em transições e entre falas possam ser feitos para deixar o resultado ainda melhor.

Por fim, após a avaliação da banca de TCC, fiz ajustes finos no podcast, como a inserção de mais transições e a realização de pequenos cortes em algumas falas. Essas alterações tornaram o material mais dinâmico, de modo que o primeiro episódio do podcast passou de 45 para 43 minutos.

REFERÊNCIAS

1. ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 23, n. 57, p. 26-56, maio-ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/XDh9FZw9Bcy5GkYGzngPxB>. Acesso em: 1 dez. 2022.
2. ABPOD. **PodPesquisa 2014**. 2014. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/10/PodPesquisa-2014.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2022.
3. ABPOD. **PodPesquisa 2019**. 2020. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>. Acesso em: 30 nov. 2022.
4. ALVARENGA, Darlan; CAVALLINI, Marta. Informalidade bateu recorde em 2019; veja histórias de quem trabalha por conta própria. 2019. **G1**, [S.l.], 25. nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/12/25/informalidade-bateu-recorde-em-2019-veja-historias-de-quem-trabalha-por-conta-propria.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2022.
5. ANTUNES, Ricardo (Org.). **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020. 336 p.
6. ATLAS DAS JUVENTUDES. **Atlas das juventudes: evidências para a transformação das juventudes**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/11/ATLAS-DAS-JUVENTUDES-2021-COMPLETO.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.
7. BALTAR, Paulo E.; MANZANO, Marcelo. O problema da informalidade ocupacional na periferia do capitalismo. **Texto para Discussão**, n. 379, Unicamp, Instituto de Economia, Campinas, maio 2020. Disponível em: <https://www.economia.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD379.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2022.
8. BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. [S.l.: s.n.], 1992.
9. BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e cultura**, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, set. 1985. Disponível em: <https://biopibid.paginas.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-científico-conceito-e-função.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2022.
10. CETIC.BR. **Resumo Executivo - Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2021**. [S.l.]:

- CETIC.br/NIC.br, 2022. Disponível em: www.cetic.br/pt/publicacao/resumo-executivo-pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2021. Acesso em: 29 nov. 2022.
11. CETIC.BR. Uso da Internet avança em áreas rurais durante a pandemia, revela nova edição da TIC Domicílios. **CETIC.br**, [S.l.], 21. jun. 2022. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/uso-da-internet-avanca-em-areas-rurais-durante-a-pandemia-revela-nova-edicao-da-tic-domicilios/>. Acesso em: 29 nov. 2022.
 12. CHAGAS, Catarina; FIGUEIRA, Ana Cristina; MAZZONETTO, Marzia. **Ciência em Sintonia**: Guia para montar um programa de rádio sobre ciências. Rio de Janeiro: Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / Museu da Vida, 2010. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/44550/ve_Catarina_Chagas_COC_2010.pdf. Acesso em: 30 nov. 2022.
 13. CNN BRASIL. Entregadores de apps fazem paralisação por melhores condições de trabalho. **CNN Brasil**, [S.l.], 1 jul. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/entregadores-de-apps-fazem-paralisacao-por-melhores-condicoes-de-trabalho/>. Acesso em: 27 nov. 2022.
 14. IPEA. **Diagnóstico da inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho em um contexto de crise e maior flexibilização**. Brasília: Ipea, 2020. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10107/1/Diagnostico_de_insercao_de_jovens.pdf. Acesso em: 23 nov. 2022.
 15. IPEA. **Mercado de Trabalho**: conjuntura e análise, ano 28, n. 73, abr. 2022. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11171>. Acesso em: 10 nov. 2022.
 16. JORNAL DA EPTV 1ª Edição. Jovens se dividem entre primeiro registro em carteira ou trabalho informal em Campinas. **EPTV Campinas/Piracicaba**, Campinas, 29 ago. 2022. 7 min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10890464/>. Acesso em: 27 nov. 2022.
 17. JORNAL DA RECORD/R7. Motoristas de aplicativo recusam corridas devido ao aumento de custos, e passageiros reclamam. **Jornal da Record/R7**, [S.l.], 22 jul. 2021. 2'31". Disponível em: <https://noticias.r7.com/jr-na-tv/videos/motoristas-de-aplicativo-recusam-corridas-devido-ao-aumento-de-custos-e-passageiros-reclamam-06062022>. Acesso em: 27 nov. 2022.
 18. KINCHESCKI, Geovana Fritzen. **Estratégias de inbound marketing aplicáveis à Secretaria de Inovação da UFSC**. 2020. 138 f. Dissertação (Mestrado em

- Administração Universitária) – Centro Socioeconômico/Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216586>. Acesso em: 02 nov. 2022.
19. LAPA, Raphael Santos. O trabalho em plataformas digitais e a pandemia de Covid-19: análise dos dados da PNAD Covid-19/IBGE. In: IPEA. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, ano 27, n. 71, abr. 2021. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10658>. Acesso em: 26 nov. 2022.
20. MANZANO, Marcelo; KREIN, André. **A pandemia e o trabalho de motoristas e de entregadores por aplicativos no Brasil**. Campinas: Cesis/Unicamp, 2020. Disponível em: <https://www.cesis.net.br/wp-content/uploads/2020/07/MANZANO-M-KREIN-A.-2020-A-pandemia-e-os-motoristas-e-entregadores-por-aplicativo.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.
21. MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan./abr. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301923244_Generos_e_formatos_jornalisticos_um_modelo_classificatorio. Acesso em: 29 nov. 2022.
22. NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). **Juventude e trabalho: qual foi o impacto da crise na renda dos jovens? E nos nem-nem?** Rio de Janeiro: FGV Social, nov. 2019. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/30805/Pesquisa-Jovens_Crise_Trabalho_NemNem_Marcelo-Neri-FGV-Social.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.
23. RAMALHO, Marina et al. Ciência em telejornais: uma proposta de ferramenta para análise de conteúdo de notícias científicas. In: MASSARANI, Luisa (Org.). **Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana**. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz; Ciespal, 2012. P. 11-24. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/716-tcc-25>. Acesso em: 29 nov. 2022.
24. TJ APARECIDA. Cresce o número de jovens com trabalho informal. TJ Aparecida, [S.l.], 10 out. 2019. 4'50". Disponível em: <https://www.a12.com/tv/programas/tj-aparecida/cresce-o-numero-de-jovens-com-trabalho-informal>. Acesso em: 27 nov. 2022.

25. TV BRASIL/Repórter Brasil. Senai prepara jovens para a quarta revolução industrial. TV Brasil/Repórter Brasil, [S.l.], 29 set. 2020. 2'25". Disponível: <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2020/09/senai-prepara-jovens-para-quarta-revolucao-industrial>. Acesso em: 27 nov. 2022.
26. VALIATI, Vanessa Amália Dalpizol; BAMBERG, Thaís. JORNALISMO E PODCAST: uma análise dos programas Café da Manhã, Estadão Notícias e Resumão. **Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, ano 8, vol. 8, n. 1. p. 50-75, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/58656/34055>. Acesso em: 29 nov. 2022.
27. WORLD ECONOMIC FORUM. **The Future of Jobs Report 2020**. Geneva: World Economic Forum, out. 2020. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2020.pdf. Acesso em: 26 nov. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Roteiro do podcast “O mundo em 10 anos”. Episódio 1: Trabalho, juventudes e oportunidades

<p>ROTEIRO Podcast “O mundo em 10 anos” Episódio 1: Trabalho, juventudes e oportunidades Autor: Luís Antônio de Oliveira Botaro Minutagem: 43 minutos</p>	
Locução	Minutagem estimada
<p>FADE IN: [VINHETA DE ABERTURA] APRESENTAÇÃO DO PODCAST</p>	
<p><u>Luís</u>: Você já parou <i>pra</i> pensar como vai ser o mundo daqui 10 anos? Eu imagino que sim, porque se tem uma coisa que todo mundo é um pouco, é curioso. É a nossa curiosidade, inclusive, que move coisas incríveis como a ciência. Se hoje a gente usa o celular <i>pra</i> ouvir um podcast ou assistir um tiktok, é porque muitos curiosos, que depois se tornaram estudiosos e cientistas, trabalharam <i>pra</i> que isso fosse possível. A ciência <i>tá</i> até mesmo nas coisas que a gente nem percebe logo de cara: <i>pra</i> que um país saiba qual região vai precisar de mais abastecimento de água daqui a 5 anos, e você não fique sem tomar banho no dia de uma festa ou de uma entrevista de emprego, muitos conhecimentos precisam ser mobilizados, como a geografia, a física, a demografia, a engenharia e muito mais. Então, se você gosta de saber como as coisas funcionam e como elas podem se transformar ao longo do tempo, você <i>tá</i> no podcast certo.</p> <p style="text-align: right;">SEGUE PARA:</p>	1'36"
<p>APRESENTAÇÃO DO TEMA DO EPISÓDIO</p>	
<p><u>Luís</u>: Meu nome é Luís Botaro, e nesse primeiro episódio de “O mundo em 10 anos”, eu chamei alguns especialistas para conversar sobre um tema muito importante, especialmente para os jovens que <i>tão</i> chegando agora na vida adulta: o trabalho. Por quais transformações a gente deve passar nos próximos anos? E os jovens, eles estão preparados <i>pra</i> elas? E quem vai ser mais afetado pela digitalização do trabalho? E os salários, estão melhorando ou estão piorando?</p> <p style="text-align: right;">TRANSIÇÃO PARA:</p>	50"
<p>INTRODUÇÃO - PERSONAGENS E DADOS SOBRE JUVENTUDE E TRABALHO</p>	

<p><u>Luís</u>: <i>Pra</i> começar, eu quero que você imagine comigo dois personagens fictícios, mas que são baseados em dados reais sobre os jovens do Brasil.</p> <p>O primeiro é o Miguel, um jovem de classe baixa que terminou o ensino médio em atraso, já com 19 anos, e nem chegou a prestar o vestibular. Na pressa <i>pra</i> conseguir emprego, ele já trabalhou em um shopping e um supermercado, ocupações temporárias, mas que já ajudaram a juntar dinheiro para dar entrada em uma moto e começar a trabalhar como entregador por aplicativo — uma função que, segundo ele, “é mais cansativa, mas pelo menos garante algum dinheiro o ano todo”.</p> <p>E a gente também tem a Júlia, que é de uma família que tem uma renda um pouco melhor. A Júlia terminou o ensino médio com 17 anos e até prestou o vestibular de uma universidade pública, mas não passou. A sua família também não tem como bancar uma universidade particular, já que ela tem mais dois irmãos que, inclusive, ela cuida por meio período enquanto os pais estão no trabalho. Ela também já trabalhou no shopping no fim de ano e, de vez em quando, faz alguns freelas num buffet de festas infantis. A Júlia sabe que, em algum momento, vai fazer faculdade, já que tem estudado para o vestibular, mas enquanto isso não acontece, ela observa de longe alguns amigos que já estão indo para o segundo ano de curso.</p> <p>[INSERT - TRANSIÇÃO]</p> <p>Com o Miguel e a Júlia, a gente tem exemplos do que mostram vários dados sobre juventude e o trabalho no Brasil.</p> <p>O IPEA, vinculado ao governo federal, mostra em um relatório de 2020 que a inserção de jovens no mercado de trabalho é marcada por entradas e saídas frequentes, geralmente em ocupações informais e que pagam pouco — algo que os dois personagens têm em comum.</p> <p>O mesmo relatório mostra que a taxa de desocupação dos jovens, ou seja, o desemprego, é maior do que na população em geral. Além disso, em 2019, cerca de 30% dos jovens entre 18 e 24 anos não estudavam e não trabalhavam, são os chamados “nem-nem”. Uma situação que descreve bem a trajetória da Júlia.</p> <p>Outra pesquisa importante sobre os jovens é o Atlas das Juventudes, feito pela FGV Social com outras instituições. A pesquisa mostra que a situação escolar é preocupante: até 24% dos jovens brancos e quase 40% dos jovens pretos ou pardos não concluíram o ensino médio. Outro dado que preocupa é que os jovens representam a faixa da população que mais teve redução de renda desde a crise que começou em 2014.</p> <p>Esses são alguns dados que mostram que a juventude brasileira é marcada por incertezas e vulnerabilidades <i>num</i> momento decisivo da vida. Aliás, o correto mesmo é falar juventudes, como o próprio Atlas usa, porque as juventudes são diversas e desiguais — em relação às classes sociais, etnias, gênero, mas também geograficamente.</p>	4'40"
--	-------

TRANSIÇÃO PARA:	
<p>INSERT DE ÁUDIO DA IMPRENSA</p> <p>[https://globoplay.globo.com/v/10890464 - “Hoje o EPTV 1 é sobre o futuro dos nossos jovens. Muitos, até hoje, nunca tiveram a carteira de trabalho assinada. Alguns por opção de vida, pelo desejo de empreender, mas para vários outros isso acontece pela falta de oportunidade mesmo”]</p>	
TRANSIÇÃO PARA:	
ENTREVISTA 1 - DENISE GUICHARD FREIRE	
<p><u>Luís</u>: A minha conversa começa com a economista Denise Guichard Freire. Ela pesquisou os jovens que não estudam e não estão ocupados <i>pra</i> sua tese de doutorado, além de trabalhar há mais de duas décadas no IBGE com a síntese de indicadores sociais para a área de trabalho e rendimento. Lá, ela também trabalha com dados sobre a juventude.</p> <p>A minha primeira pergunta foi sobre as características que tornam os jovens mais suscetíveis aos empregos informais e às constantes entradas e saídas do mercado de trabalho, especialmente entre os 18 e os 24 anos.</p> <p><u>Denise</u>: A gente utiliza o conceito do Estatuto da Juventude, que pode pegar de 15 a 29 anos, mas de fato a faixa de 18 a 24 anos tem se mostrado a mais desafiadora em termos de políticas públicas, em termos de inserção dos jovens, principalmente no mercado de trabalho (...). Por que o que acontece é: os jovens brasileiros, nessa faixa etária, estão numa fase de transição (...) No Brasil, boa parcela dos jovens tem que deixar os estudos às vezes antes da hora, antes de conseguir completar até mesmo o ensino médio. Então, essa baixa qualificação dos jovens e essa necessidade econômica de ter que trabalhar para ajudar em casa, contribuir com a família, faz com que ele abandone os estudos, às vezes, antes da hora, então ele acaba tendo pouca qualificação e acaba tendo que se sujeitar a ocupações que pagam menos, ocupações precárias, sem nenhum tipo de garantia.</p> <p><u>Luís</u>: Essa trajetória muda bastante a depender da classe social?</p> <p><u>Denise</u>: Eu considero também que a gente tem uma sociedade muito desigual, né? Então jovens de diferentes classes têm diferentes oportunidades. Então aquele jovem que é de uma classe menos favorecida, que é obrigado a trabalhar e estudar muitas vezes, ou abandonar os estudos, realmente vai ter uma realidade muito distinta do jovem que pode permanecer estudando até o final da faculdade, depois escolher até que trabalho ele vai querer fazer depois. Então a gente tem que encarar, estar ciente dessas diferentes realidades no nosso país e propor políticas para esses diferentes grupos.</p> <p><u>Luís</u>: Sobre os jovens considerados “nem-nem”, é correto usar esse termo para quem não está estudando e não está ocupado? Existe alguma conotação negativa nele? E aproveitando, quem são os mais afetados por essa condição?</p>	10'00”

Denise: Essa questão da controvérsia existe, sim, por quê? Porque você dizer que uma pessoa não está trabalhando, como se ela não estivesse fazendo nada, é controverso. Tanto que lá no IBGE a gente não tá usando mais esse termo, está usando que “nem estuda e nem está ocupado”. Quer dizer, não está inserido dentro do mercado de trabalho. (...) Já aproveitando a deixa: o maior grupo, dos jovens que não estudam e não estão ocupados, é o grupo de mulheres. Em torno de 65% desse grupo é formado por mulheres, e dentro desse grupo é justamente as mulheres que não procuram, não estudam e não estão à procura de trabalho, que são as inativas, que formam esse maior grupo de jovens nessa condição. Mas por que elas estão nessa condição? Porque elas têm que dar conta de trabalhos domésticos, de cuidado com a família. Muitas delas têm muito trabalho (...) porque muitas pessoas que estão nessa condição trabalham bastante, no trabalho que a gente chama trabalho reprodutivo, podem não trabalhar no mercado de trabalho em si, mas trabalham de uma outra forma que também é importante para a sociedade.

[INSERT - TRANSIÇÃO]

Luís: A Denise também destacou que mesmo que alguns grupos sejam mais afetados pela condição de ausência de estudo e ocupação, é necessário complexificar o entendimento desse dado.

Denise: O que acontece é que a gente tem uma diversidade de jovens muito grande no país. As pessoas passam um pouco a ideia: “nem-nem é só mulher, que não trabalha, é preto, pobre”, então existe meio que um consenso. Mas, assim, quando a gente olha em nível de país, a gente vê a importância de olhar principalmente para esses jovens nas regiões Norte e Nordeste, porque lá a maioria dos jovens realmente é inativa, não tem oportunidade. (...) Então você tem mulheres inativas, com essa questão do cuidado da família, dos filhos, mas também existe muita falta de oportunidade. Então os jovens que estão no Centro-Sul, na região Centro-Sul do país, eles são nem-nem, mas de alguma forma conseguem acessar o mercado de trabalho, mesmo precário, na informalidade muitas vezes, mas ainda existe algum acesso.

Luís: Eu ainda fiz mais duas perguntas para a Denise: que tipo de medidas podem ser tomadas *pra* amenizar essas vulnerabilidades e oferecer melhores oportunidades para os jovens; e também como eles podem ser preparados para as transformações que estão acontecendo no mercado.

Denise: Não existe, por parte do Estado, um planejamento. Então o jovem fica meio que à própria sorte. Você não tem políticas nem do Estado, nem das empresas. Em São Paulo, você ainda tem alguns projetos de empresas estimulando algumas áreas. Porque com essa mudança tecnológica, a gente poderia: “olha só, então vamos estimular a qualificação em determinadas áreas que realmente são necessárias para o país, que são importantes que os jovens tenham aquele tipo de qualificação”, uma coisa mais direcionada mesmo. Isso poderia ser feito tanto no nível técnico quanto no nível superior. Então você poderia pegar a parte tecnológica, você poderia pegar também a área de Meio Ambiente que tem muita coisa para ser feita, muito trabalho nessa área

<p>também que pode ser feito, e você direcionar a qualificação dos jovens para algumas áreas.</p> <p>[INSERT - TRANSIÇÃO]</p> <p><u>Luís</u>: Denise, e existem bons exemplos de políticas públicas que tentaram melhorar essa situação?</p> <p><u>Denise</u>: No governo do Lula teve a adoção do programa de primeiro emprego, que era uma relação em que você estimulava as empresas a contratarem os jovens para o primeiro emprego. Então você poderia adicionar isso a um programa de qualificação. (...) Você pode aprimorar algumas políticas que já foram feitas em outros governos. Na Alemanha, por exemplo, você tem um estímulo muito grande. Como tem uma indústria lá avançada, você tem estímulos a alguns cursos técnicos, para os jovens poderem sair com garantia de emprego. Você pode pensar políticas casadas nesse sentido, juntar o que as indústrias precisam em termos de mão de obra (indústria e serviços, né? Os vários tipos de empresa) com a formação dos jovens. Porque você não tem como saber, você garantir que cada um tomando essa decisão que lá na frente as coisas vão se encaixar, não vão.</p> <p style="text-align: right;">TRANSIÇÃO PARA:</p>	
<p style="text-align: center;">INSERT DE ÁUDIO DA IMPRENSA</p> <p style="text-align: center;">https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/12/25/informalidade-bateu-recorde-em-2019-veja-historias-de-quem-trabalha-por-conta-propria.ghtml - “O levantamento do IBGE mostrou também que, no ano passado, três milhões e meio de brasileiros trabalhavam como motoristas, um recorde que foi puxado pelo crescimento do transporte particular por aplicativos, enquanto mais de dois milhões tiravam do trabalho nas ruas como ambulantes o seu sustento”]</p> <p style="text-align: right;">TRANSIÇÃO PARA:</p>	
<p style="text-align: center;">ENTREVISTA 2 - MARCELO MANZANO</p>	
<p><u>Luís</u>: O mercado de trabalho do futuro gera muita preocupação para quem estuda esse assunto. Segundo o Fórum Econômico Mundial, mais de 85 milhões de empregos no mundo todo podem deixar de existir até 2025. A razão <i>pra</i> isso é uma mudança acelerada promovida por novas tecnologias — elas estão substituindo trabalhos humanos pelo trabalho de máquinas e algoritmos. Mas isso não quer dizer que novos empregos não serão criados: o mesmo relatório prevê que um número maior de vagas podem ser geradas, mas baseadas em novas formas de trabalhos e em diferentes habilidades.</p> <p><i>Pra</i> entender como isso afeta o Brasil do futuro, principalmente os jovens, a gente pode olhar <i>pras</i> mudanças que já são realidade. Um impacto que já foi medido é o aumento de trabalhos informais mediados pelas plataformas digitais, como os serviços de entrega ou motoristas por aplicativos.</p> <p>[INSERT - TRANSIÇÃO]</p>	<p style="text-align: center;">10'00”</p>

Eu perguntei sobre isso para o Marcelo Manzano, que é doutor em economia pela Unicamp e coordenador de pós-graduação na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. O Marcelo faz pesquisas sobre desenvolvimento econômico, trabalho e informalidade e já foi consultor no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e na Organização Internacional do Trabalho.

[INSERT - TRANSIÇÃO]

Marcelo: Então, a informalidade ela é um fenômeno mundial, ela existe em todos os países, mas certamente ela é tanto maior quanto mais desestruturado é o mercado de trabalho de um país. O que eu quero dizer com desestruturado? Com países como os países da periferia do capitalismo, nos quais a dinâmica capitalista, a dinâmica de produção (...) não geram empregos formais em quantidade suficiente, empregos típicos, vamos dizer assim, clássicos em quantidade suficiente para absorver o conjunto da mão de obra disponível. Então há um desequilíbrio estrutural, vamos dizer assim, entre oferta e demanda por trabalho. Na verdade, isso é uma característica do capitalismo, mas nos países centrais, a própria existência do Estado de Bem-Estar Social, de políticas públicas que retardam a entrada no mercado de trabalho ou que permitem a aposentadoria, ou licenças maternidades de longa duração, todas essas políticas, chamadas políticas do bem-estar social, vão retirando trabalhadores do mercado de trabalho (...) de tal maneira que quem sobra no mercado de trabalho é um volume muito menor, e portanto há um equilíbrio, digamos assim, mais virtuoso entre oferta e demanda de mercado de trabalho. Nos países da periferia, esse equilíbrio nunca se colocou e creio que jamais se colocará. Logo, esses trabalhadores têm que se virar para viver, até porque não há política social que garanta as suas rendas.

[INSERT DA IMPRENSA -

<https://www.a12.com/tv/programas/tj-aparecida/cresce-o-numero-de-jovens-com-trabalho-informal> - “Cada vez mais tarde no mercado de trabalho. Um levantamento feito por uma consultoria de dados especializada em análise de dados e soluções revelou que a idade média do trabalho no primeiro emprego formal passou de 25 para 28 anos. O reflexo disso são jovens que estão recorrendo cada vez mais ao mercado de trabalho informal. Dados de uma pesquisa feita pelo mesmo órgão mostrou que 89% dos novos empregos dos jovens brasileiros são sem carteira assinada”]

Luís: As informações desse trecho de reportagem que a gente ouviu são da consultoria iDados. Elas conversam com as informações da PNAD contínua que mostram que a informalidade vem aumentando principalmente depois de 2015. Eu perguntei para o Marcelo o que explica isso.

Marcelo: Pois é, o Brasil viveu nesse período, e vamos dizer assim de 2015 e 16 para cá, uma sobreposição de crises ou de problemas que afetaram muito claramente o mercado de trabalho. E isso vai abrir espaço ou vai ser um ambiente favorável para que atividades laborais precárias avancem, prosperem. Vamos lembrar: primeiro, tivemos uma recessão 2015/2016; em seguida, nós tivemos, antes da reforma

trabalhista inclusive, temos visto no Brasil desde 2015 uma série de medidas que podemos caracterizar como típicas medidas de neoliberais, desde ajuste fiscal, que depois se transformou em teto de gastos, depois tivemos a reforma trabalhista, a reforma da previdência. Então é um conjunto de políticas neoliberais que deprimem nosso mercado de trabalho, e a reforma trabalhista vem nesse momento flexibilizando ainda mais as regras de contratação, tornando mais desfavorável do ponto de vista dos trabalhadores a relação assalariada.

Luís: Aqui, o Marcelo está falando da reforma trabalhista de 2017. Ela foi definida como uma reforma modernizante por alguns setores empresariais, mas recebeu críticas de partidos trabalhistas e pesquisadores por fragilizar a seguridade social e determinar que “o acordado prevalece sobre o legislado”. Vamos ouvir, então, o que ele diz sobre isso.

Marcelo: Os trabalhadores perdem acesso à justiça do trabalho, perdem condições de sindicalização, você enfraquece brutalmente os sindicatos (...) a relação entre trabalhador e a empresa não é mais mediada pelo sindicato. Então ele fica muito mais frágil, é uma pessoa sozinha individual tendo que negociar com uma grande empresa. Antes, o sindicato intervia nesse processo e garantia uma condição mais isonômica, né? Enfim, é um conjunto de fatores que joga contra a condição do trabalhador na sociedade brasileira. E a crise, em seguida a pandemia, e nesse momento, então, justo nesse ambiente, coincidentemente está se desenvolvendo no mundo, principalmente em 2014 e 2015, que avança no mundo, chega no Brasil com grande força o uso das plataformas digitais como uma solução para organizar o trabalho.

[INSERT - TRANSIÇÃO]

Marcelo: Então eu diria que nesse terreno muito desfavorável ao trabalho (...) nesse ambiente, quando se inocula, quando aterrissam e se disseminam essas tecnologias de plataforma, elas têm muita frente para crescer no Brasil porque os trabalhadores estão muito vulnerabilizados. Se você vai a outros países onde o mercado de trabalho é mais regulado, onde o desemprego não é tão elevado, onde os trabalhadores têm mais políticas sociais que garantem a eles uma maior autonomia frente a condições de trabalho, se a gente compara nos outros países, essas tecnologias não geraram o volume de ocupados em plataformas como gerou aqui.

Luís: Essa fala do Marcelo é reforçada por alguns dados da PNAD. A pesquisa mostra que o número de trabalhadores motoristas no Brasil aumentou um pouco mais que 40% entre 2016 e 2020. Já o de trabalhadores que conduzem motos cresceu 39% no período.

[INSERT - TRANSIÇÃO]

E se esse tipo de trabalho aumentou, é importante entender quem ocupa esses postos de trabalho. A PNAD da covid-19 mostrou que a jornada desses trabalhadores pode chegar a 44 horas semanais para garantir ganhos mensais médios que ficavam entre R\$ 1500 e R\$ 1800

<p>em novembro de 2020. Além disso, quase metade deles tem apenas o ensino médio completo, e os jovens entre 20 e 29 anos são maioria entre os entregadores.</p> <p>[INSERT - TRANSIÇÃO]</p> <p>O Marcelo finaliza comentando que o aumento desses trabalhos informais não foi contido pela reforma trabalhista.</p> <p><u>Marcelo</u>: E surpreendentemente, já que o nosso tema aqui é a informalidade, a reforma trabalhista aumentou a participação dos informais na economia brasileira. No mercado de trabalho brasileiro, hoje a proporção de informais é maior do que em 2014, o momento pré-crise. (...) Está gerando, em especial, muito emprego como “conta própria”, informal. “Conta própria” é uma categoria que está crescendo muito desde a crise de 2014, numa demonstração de que as pessoas não têm muito como se encaixar no mercado de trabalho e buscam uma solução. O que é uma situação muito precária. Essas pessoas estão muito vulneráveis (...) nós temos praticamente um quarto da força de trabalho ocupada no Brasil na condição de conta própria, o que dá próximo de 24 a 25 milhões de pessoas trabalhando como conta própria, um em cada quatro brasileiros. É muito, é uma proporção muito grande se você compara com os europeus, é menos de 10%, é 8%, então é muita gente.</p> <p style="text-align: right;">TRANSIÇÃO PARA:</p>	
<p style="text-align: center;">INSERT DE ÁUDIO DA IMPRENSA</p> <p style="text-align: center;">https://noticias.r7.com/jr-na-tv/videos/motoristas-de-aplicativo-recusam-corridas-devido-a-o-aumento-de-custos-e-passageiros-reclamam-06062022 - “Já aconteceu com você? Isso porque os motoristas parecem estar cancelando mais as viagens. Algumas têm demorado mesmo, Cris. Já os que estão dirigindo assumem que nem toda corrida vale a pena. Isso por causa dos custos mais elevados”]</p> <p style="text-align: right;">TRANSIÇÃO PARA:</p>	
<p style="text-align: center;">ENTREVISTA 3 - JULICE SALVAGNI</p>	
<p><u>Luís</u>: Nesse último bloco, eu fiz algumas perguntas para a pesquisadora Julice Salvagni. A Julice é doutora em Sociologia e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ela investiga principalmente o mundo do trabalho e também integra a parte brasileira do projeto Fair Work, que é uma pesquisa de amplitude mundial vinculada à Universidade de Oxford. Essa pesquisa procura entender as condições de trabalho em empregos mediados por plataformas digitais em diversos países.</p> <p>[INSERT - TRANSIÇÃO]</p> <p><u>Luís</u>: Eu comecei perguntando qual termo é mais adequado para explicar esse fenômeno recente no mundo do trabalho: uberização ou plataformação?</p> <p><u>Julice</u>: Eu tenho preferido usar o termo plataformação (...) então a</p>	<p style="text-align: center;">15'00”</p>

plataformização nos permite compreender o fenômeno, na minha concepção, de maneira mais ampla (...) ainda que a gente tenha na história dos processos de trabalho nomes de processos que são vinculados com certas marcas, o fordismo, o toyotismo, o taylorismo, a uberização seria outro deles, e a gente sabe que o fordismo não se restringia ao sistema Ford, mas de todo modo a plataformização nos parece ser um nome mais adequado.

Luís: Você pode detalhar, então, a plataformização e os discursos que giram em torno dessa nova forma de trabalhar?

Julice: Então a gente entende por plataformização uma infraestrutura tecnológica, que tem ditado um processo de trabalho de tantos que aconteceram ao longo da história do capitalismo. (...) Havia a plataformização antes do próprio advento da tecnologia, como a pesquisadora Ludmila Abílio faz referência às vendedoras de Avon, então era um sistema já de trabalho por plataforma ainda que não se tratasse de uma plataforma digital. Mas isso ganha massividade (...) isso exponencializa um processo de trabalho que é caracterizado sobretudo pela ausência de vínculo. Então pela flexibilização das formas de trabalho, se ao mesmo tempo que a flexibilização tem alguns aspectos que são interessantes, como “faço meu próprio horário”, “trabalho quantos dias por semana eu quiser e tenho condições de ampliar ou diminuir a minha carga de trabalho”, por outro a gente tem visto que essa flexibilização do trabalho é uma farsa porque as pessoas ganham tão pouco e elas são tão desprotegidas de direito que elas acabam trabalhando mais e ganhando menos do que se elas tivessem em empregos protegidos e que têm certo cumprimento de horários (...) Mas da maneira como a plataformização coloca isso, ela se coloca não como uma empregadora, mas como uma empresa que faz a intermediação de trabalho, e isso é muito perigoso, porque aí a gente tem a destruição completa dos direitos protetivos dos trabalhadores e das trabalhadoras, já que não é uma responsabilidade desse intermediário, dessa empresa que faz a intermediação.

[INSERT DA IMPRENSA -

<https://www.cnnbrasil.com.br/business/entregadores-de-apps-fazem-paralisacao-por-melhores-condicoes-de-trabalho/> - “Esses motoboys que vocês estão vendo, eles estão cobrando uma ajuda das empresas para comprar equipamentos de proteção como luvas e máscaras, e eles estão acusando essas empresas de reduzirem a comissão por entrega mesmo com o aumento dos pedidos durante a pandemia”]

Luís: Julice, o que a plataformização traz de novo, especialmente quando a gente pensa nos jovens?

Julice: A questão dessas infraestruturas tecnológicas que são as plataformas é que elas conseguem criar alguns artifícios de mascarar certas instâncias de controle que o trabalho informal não tinha. (...) Não todas elas, mas, por exemplo, quando uma pessoa faz uma entrega com uma bicicleta, quem precifica essa entrega normalmente é a plataforma, não é o próprio trabalhador. (...) Então essas regras do quanto que a pessoa ganha para trabalhar, muitas vezes, não é clara para o trabalhador, para a trabalhadora. Então acho que essa é uma

questão. O fato de essas infraestruturas funcionarem não de maneira linear e simplesmente natural, mas o fato de elas funcionarem por meio de um algoritmo também contribui para que se tenha certos direcionamentos ou intencionalidades feitas. (...) Então há alguns agravantes nesse aspecto do trabalho por plataforma, por todo esse atravessamento dessas tecnologias, dessa extração de dados, dessa análise de dados, dessa tipificação, dessa gameficação. (...) Então tudo isso cria atrativos que distanciam o trabalhador do seu cliente, da pessoa para quem ele vai prestar serviço, (que antes teria uma conversa mais pessoal), e também faz com que não fiquem claras as regras de quanto a pessoa ganha e as condições.

[INSERT - TRANSIÇÃO]

Luís: Julice, o projeto do qual você faz parte, o Fair Work Brasil, realiza pesquisas tanto com trabalhadores quanto com as plataformas para entender onde estão as maiores queixas sobre essa relação de trabalho e tentar melhorar essa situação. Você pode, então, explicar como o projeto funciona?

Julice: Falando do Fair Work, (...) é um projeto de pesquisa-ação, é uma pesquisa que ao mesmo tempo que está coletando dados ela busca interferir de alguma maneira na realidade, e que é coordenada por Oxford e que hoje está em mais de 40 países. Então desde 2019 nós temos o Fair Work Brasil realizando a pesquisa com as plataformas aqui no contexto brasileiro. A Fair Work hoje tá abrindo muitas frentes de trabalho, é um grupo muito grande de pesquisadores espalhados ao redor do mundo e que têm criado cada vez mais projetos que são distintos.

Luís: Por que vocês destacam que a Fair Work é uma pesquisa-ação?

Julice: A pesquisa do Fair Work é uma pesquisa-ação porque a gente justamente dialoga com a plataforma mostrando quais são as questões que nós gostaríamos de ver implementadas. Não o ideal, a gente sempre diz assim que o trabalho, esse conceito de trabalho decente, não é o ideal, mas é o mínimo, então é o mínimo que a gente espera que um espaço que se coloca na intermediação do trabalho venha a oferecer.

Luís: A Julice também falou sobre os cinco princípios do trabalho decente, que foram definidos pela OIT, que é a Organização Internacional do Trabalho. Para a pesquisa, a Fair Work discutiu coletivamente esses princípios entre todos os países participantes do projeto, chegando então a dez princípios.

Julice: Então são cinco princípios e cada um deles se desdobram em outros dois, virando os dez princípios *que é a nota que a gente dá para cada uma das plataformas*. Então esse da remuneração, o primeiro ponto é de garantir que os trabalhadores ganhem pelo menos um salário mínimo local. E aí se eles atingem esse ponto, a gente vê o segundo ponto que é garantir que os trabalhadores ganhem pelo menos um salário mínimo ideal; (...) o segundo princípio diz respeito às condições de trabalho. E aí a gente vê, num primeiro momento, se as

plataformas têm alguma estratégia de mitigar os riscos específicos da tarefa e, no segundo momento, se garante condições de trabalho seguras e uma rede de segurança. (...) O terceiro princípio é de contrato, então a gente analisa os contratos, os termos que são oferecidos pelas plataformas, (...) se as pessoas conseguem entender, se elas têm acesso a esse contrato assinado; e num segundo momento, se está assegurado que não são impostas cláusulas abusivas.

[INSERT - TRANSIÇÃO]

O quarto princípio é da gestão. E aí, no primeiro momento, a gente vê se a plataforma proporciona o devido processo legal para as decisões que afetam os trabalhadores. E se alguma coisa deu errado, se existe algum canal acessível para que a pessoa possa buscar alguma forma de comunicação com a plataforma, por quem ela é atendida, se é atendida por uma pessoa humana ou se é simplesmente um robô. (...) O quinto e último princípio diz respeito à representação. Então a gente vê, no primeiro momento, se essa plataforma assegura a liberdade de associação e expressão do trabalhador e, no segundo momento, se apoia a gestão democrática.

[INSERT - TRANSIÇÃO]

Luís: O Fair Work já publicou pesquisas anteriores e agora está preparando uma nova pesquisa. Como vocês abordam os trabalhadores e como as próprias plataformas são envolvidas nesse processo?

Julice: Nós desdobramos esses cinco princípios (que viram dez) em um extenso roteiro de entrevista, e nós vamos entrevistar então agora mais de cem pessoas para poder dar conta de avaliar, averiguar todos esses pontos. (...) As empresas são envolvidas, sim, nós temos uma equipe que faz as entrevistas com as plataformas. Então nós falamos com todas as plataformas, exceto aquelas que não querem conversar com a gente, mas, assim, tentamos contato com todas as plataformas, e quando nós temos um resultado que é preliminar, esse resultado também é colocado às plataformas, e a gente vai junto com elas e discute cada um dos pontos para se assegurar que nós estamos fazendo uma interpretação correta daquele ponto.

Luís: Na nossa conversa, ela destacou que a pesquisa publicada pelo Fair Work em março de 2022 revelou condições ruins de trabalho em seis plataformas. A classificação das empresas vai de 0 a 10, recebendo um ponto para cada princípio do trabalho decente que é contemplado. E ela complementou falando como a plataformização afeta outras profissões e destacou sua preocupação em relação a isso.

Julice: A gente gosta de falar que não se trata apenas de entregadores e motoristas, ainda que essas sejam as funções mais visíveis, as que a gente mais reconhece ou mais interage. Há uma crescente nesse movimento de plataformização para várias outras atividades, seja dos próprios jornalistas e comunicadores, seja do pessoal de T.I., seja de professores e profissionais da saúde também em crescente nessas

<p>plataformas. (...) Então nos parece ser um caminho sem volta, e por isso que preocupa a exponencialidade que esse processo de trabalho vem tomando.</p> <p>[INSERT - TRANSIÇÃO]</p> <p><u>Luís</u>: Eu também aproveitei para perguntar como os jovens enxergam a plataformização e quais características esse grupo tem em comum com essa nova forma de trabalhar.</p> <p><u>Julice</u>: Tem uma autora, que é a Gabriella Lukács, ela é norte-americana, e ela pesquisa essas questões das plataformas e das mídias sociais e tal em uma perspectiva de gênero, mas também numa perspectiva da juventude. E ela tem um conceito, que eu acho que pode te ajudar, que é muito importante, que ela fala assim: que essas plataformas digitais, elas têm as características jovens (...) que é coisa desse trabalho para passar essas instâncias digitais de acontecer sem muita regra. (...) Então as pessoas que têm, em tese, mais idade ou que tiveram um processo de socialização sobretudo um pouco mais tradicional, digo assim no sentido de ter uma empresa com um horário fixo, de ter aquele costume do horário do almoço, de ter o costume de zelar pelo domingo, (...) teriam mais dificuldade de se encaixar nesse trabalho de plataforma e que, por isso, as plataformas dariam certa preferência às pessoas mais jovens por, em tese, terem mais facilidade de se adequar a essas novas regras.</p> <p style="text-align: right;">TRANSIÇÃO PARA:</p>	
<p>INSERT DE ÁUDIO DA IMPRENSA</p> <p>[https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2020/09/senai-prepara-jovens-para-quarta-revolucao-industrial - “A Indústria 4.0 é uma revolução tecnológica que está mudando rapidamente os empregos. E uma parceria entre o governo federal e o Senai vai facilitar a formação e inserção dos jovens nesses setores de ponta”]</p> <p style="text-align: right;">TRANSIÇÃO PARA:</p>	
<p>COMENTÁRIOS FINAIS E ENCERRAMENTO</p>	
<p><u>Luís</u>: Antes de finalizar as conversas, eu perguntei para os três entrevistados como eles imaginam os próximos 10 anos nesse cenário de trabalho, especialmente para os jovens.</p> <p>A Julice Salvagni destacou que a plataformização pode atingir outras funções, inclusive aquelas que tradicionalmente têm mais direitos.</p> <p><u>Julice</u>: Em termos do que a gente pode fazer ou está fazendo, eu acho que há pelo menos três caminhos. (...) Então, assim, não precisaria criar uma nova reforma porque a CLT ela já é suficiente, não excelente, mas ela já garante várias instâncias protetivas. (...) Por outro lado, todo esse pacote de proteção da CLT, ele tem que vir de alguma forma adaptado a essas dinâmicas que acontecem nas plataformas, porque os trabalhadores também não querem perder essa flexibilidade que foi entre todas as pessoas conquistada nessa outra forma de trabalhar. Não é todo mundo que está descontente com essa questão, ainda que se tenha uma perda de direito clara e visível. Também tem um outro</p>	<p>estimado 8’00”</p>

lado, a gente enquanto pesquisador também não pode projetar o mundo ideal que nós queremos, sendo que quem tem que pensar isso é o coletivo de trabalhadores e trabalhadoras que estão envolvidos com as plataformas, e a gente precisa chegar num acordo que seja comum sobretudo para quem está trabalhando.

Luís: E ela finalizou destacando o chamado “cooperativismo de plataforma”, que são conjuntos de trabalhadores que se unem para criar e gerir plataformas de serviços.

Julice: E ainda há uma outra instância de possibilidades que a gente vem trabalhando que é o que a gente chama de cooperativismo de plataforma, que são as plataformas que têm emergido de maneira a assegurar a autogestão dos trabalhadores e das trabalhadoras. Então ainda é um movimento um pouco tímido, de plataformas que são ainda pequenas, porque existe todo um custo dessa infraestrutura tecnológica que, muitas vezes, as pessoas não conseguem arcar. (...) Também não tem um número ainda assim superexpressivo de trabalhadores e trabalhadoras vinculados, apresenta uma série de desafios a esse mercado que vai competir com gigantes, que conseguem muito espaço pela forma como trabalham e operam, não só explorando a força de trabalho humana, mas vendendo dados, que é chamado de petróleo moderno.

[INSERT - TRANSIÇÃO]

Luís: Já o Marcelo Manzano destacou que o mercado de trabalho historicamente nunca absorveu toda a mão de obra disponível.

Marcelo: Esse é um problema que sempre existiu, e eu considero que ele é cada vez mais grave principalmente em países da periferia como o Brasil. Principalmente nesse momento de tecnologias 4.0, tecnologias que podemos chamar de digitalização, plataformização, como quer que seja. Essas tecnologias, em um certo sentido, estão eliminando muitos postos de trabalho. Então, nesse contexto, e pensando aí nos 10 anos, na sua provocação de como a gente pode pensar o mercado de trabalho, eu acho, portanto, que do ponto de vista estrutural, da dinâmica econômica propriamente dita, não há nada muito alvissareiro, nada muito animador.

Luís: O Marcelo também destaca que alguns pesquisadores e representantes políticos já discutem ocupações financiadas pelo Estado para garantir emprego e renda para os trabalhadores que podem ficar de fora do mercado de trabalho tradicional.

Marcelo: E imagino, portanto, que caberia ao setor governamental não empregar as pessoas no governo, não é disso que eu estou dizendo, mas é patrocinar, financiar atividades que absorvam as pessoas. (...) Falando do desemprego juvenil, que os jovens possam, no seu período de cursar universidade, em que estão dedicados aos estudos, que eles possam permanecer na universidade, (...) que eles possam suprir essa renda, por exemplo, organizando campeonatos no seu bairro, organizando atividades esportivas, participando de atividades culturais, festivais de música. (...) Cabe ao setor público fazer esse arranjo,

<p>estruturar esse tipo de solução e garantir o financiamento disso. Ao garantir, inclusive, esses recursos, o Estado vai até de uma certa forma dinamizar a economia, dinamizar algum tipo de atividade nos bairros, na periferia, nas praças públicas, que vai até ajudar o crescimento dos pequenos negócios, o crescimento de alguns setores de atividades específicas, como a chamada economia criativa, produção cultural, produção de equipamentos musicais, etc. etc.</p> <p>[INSERT - TRANSIÇÃO]</p> <p><u>Luís</u>: E, por fim, a fala da Denise Guichard Freire é sobre oportunidade, que inclusive é uma palavra que eu levei para o título desse episódio “Trabalho, juventudes e oportunidades”. A Denise destaca a importância do Estado em olhar para os jovens como uma fonte de potencial que não pode ser perdida.</p> <p><u>Denise</u>: Você tem a questão das poucas oportunidades, né? Normalmente, os jovens enfrentam, principalmente aqueles que querem tentar o primeiro emprego, né? Não existem políticas públicas adequadas que estimulem essa inserção dos jovens para o primeiro emprego, que estimulem as empresas a dar oportunidade. (...) O que eu vejo que é uma saída, é você, em primeiro lugar, estimular a permanência dos jovens nas escolas, no ensino médio, oferecendo bolsas em nível estadual ou federal para que, assim como o tempo no nível superior, deveria haver um programa para os jovens do ensino médio também, para eles permanecerem estudando, permanecerem se qualificando, mas, para isso, eles precisam de bolsa para se manter, que a família, muitas vezes, não tem condições de manter aquele jovem estudando, ele precisa ajudar também em casa. Então a gente tem que ter políticas públicas que favoreçam a qualificação dos jovens, deixando ele estudar, deixando, depois, ter condição de fazer o Enem, fazer um nível superior para poder se qualificar.</p> <p>[INSERT - TRANSIÇÃO]</p> <p><u>Luís</u>: Esse foi o primeiro episódio do podcast “O mundo em 10 anos”, que trouxe pesquisadores e dados para falar sobre trabalho, juventudes e oportunidades.</p> <p>Essa produção é parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso na pós-graduação em Jornalismo Científico do Labjor da Unicamp e foi orientada pela professora doutora Sabine Righetti.</p> <p>Para esse episódio, foram usados áudios dos veículos TV Brasil, EPTV, Rede Globo, G1, Rede Record, R7, TV Aparecida e CNN Brasil.</p> <p>Até mais!</p> <p style="text-align: right;">FADE OUT</p>	
<p style="text-align: center;">Créditos pós-roteiro: Esse podcast usou trilhas e transições adquiridas no site Soundstripe.com e trilhas e transições sob licença Creative Commons - Music by Jason Shaw on Audionautix.com</p>	